



Bem-vindo ao Castelo de Taufers! Antes de iniciarmos a visita, pedimos-lhe que não toque em qualquer mobiliário histórico ou se sente em qualquer lugar durante a visita. As filmagens e fotografias só são permitidas até à câmara de tortura, inclusive. Por favor, tenha em atenção os pequenos degraus e soleiras, bem como as portas baixas. Se tiver mais alguma questão, o nosso pessoal terá todo o gosto em ajudá-lo.

### Panorama histórico

O Castelo de Taufers foi construído no século XIII pelos Senhores de Taufers. Estes deram o seu nome ao castelo e à aldeia situada por baixo do castelo. Os senhores de Taufers construíram três partes importantes do castelo: a torre alta (a chamada torre de menagem), a torre de habitação (palas) e o celeiro, onde eram armazenados os cereais. No entanto, os nobres senhores de Taufers extinguiram-se logo em 1336, pois não havia descendentes masculinos. O castelo passou para os parentes mais próximos, os Condes do Tirol, durante alguns anos e, mais tarde, para a Casa dos Habsburgos. No entanto, os Habsburgos nunca viveram no castelo de Taufers, tendo dado o castelo e as terras como feudo a várias famílias nobres da região, que mantiveram e ampliaram o castelo.

Estas famílias nobres viveram no Castelo de Taufers até cerca de 1720, altura em que o castelo perdeu a sua importância fundamental. O castelo foi então habitado de forma irregular durante cerca de 200 anos e, infelizmente, muitas partes caíram em ruínas durante esse período. Nevou e choveu através dos telhados e a torre alta ruuiu devido à queda de um raio ou a um terramoto.

A partir de 1900, vários proprietários privados participaram no restauro do castelo. O primeiro foi um fabricante de vidros de Viena, que também mandou instalar janelas de vidro pela primeira vez por volta de 1904 - antes disso, eram utilizadas apenas bexigas de porco montadas em caixilhos de madeira, através das quais entrava luz nas salas, mas que não ofereciam qualquer isolamento térmico. O segundo proprietário, no século XX, foi um farmacêutico vienense e a sua viúva. Seguiu-se o abade titular beneditino Hieronymus Gassner, que viveu no castelo desde os anos 50 até 1977. Desde então, o castelo é propriedade do Instituto dos Castelos do Tirol do Sul, uma associação privada de aristocratas e amantes da arte do Tirol do Sul, que se tem esforçado por preservar o castelo até aos dias de hoje e abri-lo ao público.

### Sala de audiências

Nesta sala, familiarizar-se-á com dois temas que encontrará na maioria das salas.



Por um lado, trata-se de aquecer as divisões, sendo que, originalmente, apenas se utilizavam braseiros para o efeito, nos quais se colocava carvão quente. Assim, podia-se pelo menos aquecer as mãos e os pés. Pode imaginar-se que isto não era suficiente para salas tão grandes. Foi por isso que as pessoas começaram a instalar fogões de azulejos há cerca de 400 anos, como se pode ver no canto da sala. Este é um dos 20 fogões de azulejos que temos aqui no castelo, dos quais

veremos mais tarde modelos ainda mais bonitos e mais antigos.

Uma segunda característica especial é o revestimento de madeira, que foi originalmente instalado para isolar os quartos, uma vez que foi deixado um espaço entre a madeira e a parede para permitir a circulação do ar. O revestimento foi feito de pinho suíço, uma árvore muito típica da nossa região. O pinheiro-manso é conhecido pelo seu forte odor, que, por sua vez, afasta os carunchos. A madeira foi preservada durante vários séculos; neste caso, data do século XVII, pelo que já tem mais de 400 anos. Quando este revestimento de madeira foi construído, foram também instalados pequenos armários nas paredes. No entanto, estes destinavam-se mais a documentos e objectos do quotidiano, uma vez que as roupas eram guardadas principalmente em grandes arcas de madeira.

No castelo de Taufers existia um tribunal superior: o direito de condenar alguém à morte. Estes julgamentos realizavam-se nesta sala, onde o acusado era primeiro trazido pela porta acorrentado e depois amarrado ao pilar de madeira no centro da sala. Pode dizer-se que estes julgamentos só podiam terminar de três maneiras. Ou se estava inocente e o juiz acreditava em si, e nesse caso podia ir para casa como um homem livre. Se, pelo contrário, fosse culpado e confessasse imediatamente, era condenado em conformidade. No entanto, se não quisesse confessar, mas o juiz presumisse que era culpado, era levado para a sala de tortura, onde se recorria à tortura para forçar uma confissão.

### **Sala do juiz**

Aqui estamos nos aposentos do senhor do castelo, a pessoa mais importante do castelo. O senhor do castelo era também sempre o juiz do castelo, que realizava os julgamentos na sala anterior.

No centro da sala, vemos, em primeiro lugar, uma mesa de madeira com vários embutidos. Nos cantos opostos, vemos a águia dos Condes do Tirol, nos lados, os leões dos Condes de Gorizia (que estavam ligados aos Condes do Tirol por casamento) e, no centro, outra águia, mas desta vez com duas cabeças, a águia dos Habsburgos.



Por cima da mesa, vemos um candelabro do século XVIII. É feito de vidro colorido e fundido, provavelmente proveniente de Murano, perto de Veneza. A característica especial é a coroa de espelhos no centro superior, uma vez que estes não eram apenas decorativos, mas também tinham uma função. Reflectiam a luz das velas e, assim, iluminavam adicionalmente a sala, o que também era necessário, uma vez que os painéis de madeira tinham continuado a escurecer ao longo dos anos.

Durante o dia, as janelas salientes eram utilizadas principalmente para iluminar os quartos, trazendo luz adicional para as divisões. Ainda é possível ler e trabalhar aqui à noite, ao entardecer, quando o interior já está muito escuro.

Antes de continuar a visita, pode também dar uma vista de olhos ao antigo quarto do senhor do castelo. Encontrará uma salamandra de 1808, construída ao estilo do Império Francês. As chaminés de descarga dos fumos estão escondidas entre as paredes e conduzem aos telhados.

### **Câmara de tortura**

Encontramo-nos agora na sala de tortura, onde apenas sobreviveu um instrumento de tortura: uma perna do século XVI. No entanto, existiam muitos mais instrumentos de tortura nessa altura, e é possível ver alguns dos métodos de tortura nas ilustrações nas paredes.



Este vão de pernas foi construído para 3 pessoas. Os arguidos tinham de se sentar no chão com as pernas enfiadas nos buracos. As mãos também eram amarradas, pelo que não era um sítio particularmente confortável para se sentar. Havia muitas maneiras de torturar uma pessoa, quer colocando fogo debaixo dos pés, quer chicoteando os pés ou arrancando as unhas dos pés, uma a uma, com um alicate. Também se aplicava sal na parte interna dos pés nus e depois deixavam-se entrar

cabras. As cabras lambiam então o sal dos pés, usando as suas línguas ásperas para remover lentamente a pele dos pés até chegarem aos ossos. Pode imaginar-se que, nestas circunstâncias, todos confessavam, independentemente de serem ou não culpados. Consoante o crime confessado, as pessoas eram punidas de forma diferente. Se o crime fosse muito grave, como um assassinio, os acusados eram levados para Sand in Taufers, onde eram executados em público.

No entanto, nunca ninguém foi assassinado na própria câmara de tortura, nem era esse o objetivo da tortura. É por isso que a reentrância que se vê no centro da sala, no chão, não é para o sangue, mas para o escoamento da chuva. Antigamente não havia teto aqui, tudo era aberto, pelo que se pode dizer que a chuva, a neve e o frio também torturavam os acusados.

A visita continua. Vamos agora ver a parte mais antiga do castelo, a antiga torre de habitação do século XIII.

**Importante: já não é permitido filmar e fotografar a partir daqui!**

### Capela do castelo

Os frescos da capela datam de 1480 e foram pintados por Michael Pacher, um conhecido artista de Bruneck. No registo superior, vemos Cristo a suar sangue no Monte das Oliveiras, à esquerda, ao centro



um anjo com o cálice do sofrimento nas mãos e, à direita, os apóstolos adormecidos, embora devessem estar a vigiar. No centro da cena principal está Cristo com a barba branca e uma espada na boca, que se transforma num lírio em sinal de justiça e misericórdia. O fresco fala assim do Último Dia, quando Cristo descerá e julgará a humanidade. À sua direita, vemos a sua mãe Maria e, à sua esquerda, João Batista. Por baixo, à direita, vemos São Segismundo, a tortura de São Erasmo e, mais ao lado da janela, São Paulo pouco antes da sua decapitação. Em baixo, à esquerda, vemos Santo André e depois São Pedro por três vezes: uma na prisão, outra durante a crucificação e, mais uma vez, à direita, junto à janela, São Pedro com a chave do paraíso nas mãos.

A cruz de madeira sobre o altar data do século XIII, do período românico, que se pode reconhecer geralmente por duas características: em primeiro lugar, a posição das pernas, uma vez que os pés são apresentados paralelamente. Além disso, Cristo é representado como vencedor da morte, e não como Jesus sofredor, como ainda hoje se usa, como aconteceu mais tarde no período gótico.

A capela do castelo continua a ser dedicada a São Pedro e São Paulo. Todos os anos, a 29 de junho, realiza-se aqui uma missa privada para os proprietários do castelo.

Com isso, passamos para a sala seguinte, que fica em frente a nós.

## Quarto de hospital/sala de aula

Estamos agora na antiga enfermaria. Cerca de 60 a 120 pessoas viviam no castelo de Taufers e, como os cuidados médicos básicos não eram muito avançados na altura, tentava-se isolar os doentes dos saudáveis. O contacto com o mundo exterior fazia-se principalmente através de uma pequena janela no quarto. Isto significava que os doentes podiam também assistir à missa e é justo dizer que a fé era frequentemente a única esperança de cura na altura.



No entanto, muitos anos mais tarde, esta sala tornou-se numa coisa completamente diferente. Em 1564, Beatrix von Fieger teve a ideia de fundar uma escola no castelo de Taufers para as crianças aristocráticas dos arredores. Mais tarde, a sala de doentes tornou-se numa sala de aulas. As imagens que se seguem são, por assim dizer, a primeira fotografia escolar antiga. Cada criança tinha o seu próprio retrato, acima do qual se pode ver também o nome e a idade da criança e, ao lado, o brasão da família. O que era especial nesta escola era que não só crianças de diferentes idades eram ensinadas aqui, como também as raparigas eram aceites na escola.

Ao contrário do que acontece atualmente, as crianças tinham de trazer as suas próprias cadeiras e bancos para o castelo. Felizmente para nós, uma cadeira sobreviveu até aos dias de hoje, que se pode ver por baixo da janela. É a cadeira do aluno Caspar Praitenberger, que frequentou a escola em 1684. Aqui também se pode ver como as crianças eram pequenas na altura; hoje em dia, uma criança de 5 anos teria certamente dificuldade em encaixar-se.

## Salão dos Cavaleiros

Imaginem o salão seguinte cheio de cadeiras e mesas. Porque quando os cavaleiros festejavam em tempos de paz, era aqui que dançavam, riam, cantavam, comiam e bebiam. Na alcova à esquerda do relógio de pêndulo ainda se pode ver uma antiga casa de banho, que já nessa altura não tinha porta nem cortina. O bloco de drenagem foi entretanto fechado, pelo que a casa de banho já não funciona.

O relógio de pêndulo data de 1650 e estava originalmente situado no pátio interior, onde também está documentado até à Primeira Guerra Mundial. À esquerda do relógio, pode ver uma fotografia desta época e outra do restauro efectuado pelo relojoeiro Hubbuch em 2015. O relógio tem apenas um ponteiro, o das horas. Os minutos e os segundos não eram tão importantes nessa altura, apenas um sino indica a hora exacta. Antigamente, este relógio também tinha de ser enrolado à mão, mas atualmente isso é feito por um pequeno motor elétrico situado na caixa de madeira.



O fresco colorido do átrio não é da Idade Média, mas sim da era moderna. Foi pintado em 1967 pela artista austríaca Lydia Roppolt, amiga do Abade Gassner, que quis imortalizar-se aqui. No centro, vemos a Madona e o Menino, enquanto o lado esquerdo representa o passado, com Adão e Eva a sussurrarem um para o outro ou o anjo Lúcifer a cair. O lado direito, por outro lado, mostra o presente com um carro, um avião e um relógio que mostra um quarto para o meio-dia. Isto significa que só nos resta um quarto de hora até ao último dia na Terra. Além disso, 1967 foi o ano da Guerra Fria, razão pela qual também podemos reconhecer uma bomba atómica a explodir no fresco.

## Quarto fantasma

Este é provavelmente o quarto mais famoso do Castelo de Taufers. Este quarto foi outrora o quarto da Princesa Margarethe, que se apaixonou perdidamente por um agricultor de Sand, em Taufers. Naturalmente, um casamento entre uma princesa e um agricultor não seria permitido na Idade Média e, por isso, os dois quiseram casar-se secretamente na floresta junto ao castelo. No dia do casamento, o agricultor subiu da aldeia, mas antes de poder tomar Margarida como esposa, foi mortalmente ferido com uma flecha por um dos guarda-costas da princesa. A princesa ficou muito triste com a morte do seu amante, razão pela qual se fechou neste quarto durante sete longos anos. Para pôr fim ao seu sofrimento, atirou-se por uma janela. A lenda diz, no entanto, que Margarethe ainda não deixou completamente este mundo, pois os passos, gritos e choros da princesa ainda podem ser ouvidos aqui à meia-noite.



A cama data de 1641 e é também um pouco mais curta do que uma cama atual. Uma das razões para este facto é que, nessa altura, as pessoas não tinham mais de 1,60 metros de altura, mas também dormiam meio sentadas. Acreditava-se que dormir deitado era estar demasiado próximo da morte. O dossel não era apenas decorativo, mas tinha também uma função: no inverno, podiam ser colocados pesados cobertores de lã para isolar do frio, enquanto no verão eram utilizados tecidos mais leves para proteger de insectos como os mosquitos e as moscas. O mesmo sistema pode também ser encontrado no berço, com as suas argolas amovíveis. Pode imaginar-se o frio que fazia no Castelo de Taufers, sobretudo nos meses de inverno, pelo que estes cobertores eram certamente necessários. Mais tarde, foi também instalado nesta divisão um fogão de azulejos, que data de 1755 e é também o mais valioso do castelo. Foi pintado à mão com a chamada cor azul de Delft. Esta cor era muito difícil de trabalhar e, por conseguinte, muito cara.

Nesta sala, vemos mais duas curiosidades: A primeira é uma figura de madeira com chifres de veado. Data da Renascença, tal como o teto em caixotões com rosetas. A segunda é um capacete turco por cima do berço; a inscrição islâmica é facilmente reconhecível. O capacete foi posteriormente transformado num candeeiro a óleo.

## Biblioteca

A biblioteca ainda tem mais de 4000 livros e o que a torna especial é a variedade de temas. Temos livros de história, arte, literatura, estratégias de guerra, medicina, enciclopédias, etc. As línguas são também muito variadas: alemão, italiano, francês, inglês, húngaro, etc. Os exemplares mais antigos são guardados em armários fechados à chave, para os conservar melhor. O livro mais antigo data de 1540 e trata de jurisprudência.



O mobiliário desta sala é do período maneirista. No entanto, não provêm do castelo, mas da antiga sacristia da aldeia. Foram comprados e criados pelo primeiro proprietário privado por volta de 1900. O facto de este mobiliário ter vindo originalmente da área eclesiástica ainda hoje é visível. Os grandes armários serviam para guardar os grandes paramentos dos padres, o antigo confessionário pode ainda ser visto no canto à esquerda e o antigo sacrário pode ainda ser visto entre as janelas.

Nesta sala, vemos também um belo teto em caixotões com o brasão dos Senhores de Taufers no centro e quatro profetas do Antigo Testamento em forma de cruz.

A biblioteca alberga também o fogão de azulejos mais antigo do castelo, que data de 1680 e é também o fogão mais decorativo do castelo. Vemos várias cores, ornamentos e figuras. Estas mostram cavaleiros a combater os turcos barbudos nos cantos inferiores. No final do século XVII, as grandes guerras turcas eram um tema de grande atualidade; os otomanos estavam às portas de Viena e constituíam, assim, uma ameaça para toda a Europa. No entanto, como acabaram por perder esta guerra, tinham agora de suportar simbolicamente o peso do forno nos cantos. Regra geral, estes fornos eram aquecidos a partir do exterior, por exemplo, num corredor vizinho. Deste modo, evitava-se o fumo, a sujidade e a fuligem nos próprios quartos. Além disso, o senhor do castelo não era incomodado durante o seu trabalho na biblioteca.

## Arsenal

Quando se fala de armas, há um protagonista particularmente importante: o cavaleiro. A armadura de um cavaleiro medieval pesava cerca de 30 a 40 quilos. É fácil imaginar como era preciso estar em forma para usar uma armadura tão pesada e, claro, também lutar com ela! Os cavaleiros lutavam principalmente com espadas, mas também se usavam lanças a cavalo.



O agricultor não tinha dinheiro para comprar essas armas. Por isso, fez uma clava com um pedaço de madeira, que depois escavou. Assim, não só era mais fácil de transportar, como também se podia encher com pequenas pedras. No final, tudo foi selado com cera de abelha para que nada caísse e o agricultor tivesse uma boa arma para se defender dos cavaleiros.

Na Idade Média, porém, não existiam apenas armas brancas, mas também armas à distância. Ao fundo, por baixo da janela, vê-se uma pequena catapulta à escala de 1:10. Estas catapultas eram muito práticas para atacar um castelo a partir do exterior, pois podiam atingir uma distância de até 500 metros. As grandes bolas de pedra eram utilizadas para danificar as muralhas de um castelo, mas também eram lançadas bolas de palha em chamas para queimar o interior de um castelo. Curiosamente, os cadáveres ou os excrementos também eram lançados nos castelos para propagar doenças como a peste. Atualmente, este método seria designado por guerra biológica.

Nas paredes estão penduradas várias armas de cavaleiros e camponeses, armas turcas que foram levadas como troféus depois de vencerem batalhas, um capacete italiano da Primeira Guerra Mundial e baionetas francesas por baixo.

No entanto, os trenós da galeria não têm nada a ver com a guerra; são trenós de casamento. O cavalo e a carruagem iam à frente e os noivos sentavam-se atrás. Os trenós eram muito pequenos porque, na altura, casavam-se crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos. Regra geral, não lhes era permitido escolher os seus próprios parceiros, uma vez que os nobres podiam manter ou mesmo aumentar o seu estatuto através de casamentos. Nessa altura, as senhoras eram consideradas virgens velhas aos 17 anos, e as que ainda não se tinham casado nessa idade tinham normalmente de ir para um convento como única alternativa.

### **Quarto Napoleão**

Agora vamos ver a última parte do castelo, a ala dos hóspedes. No corredor, encontram-se várias espingardas de caça dos séculos XVIII e XIX. O direito de caçar estava sempre reservado ao soberano da região, mas os seus convidados podiam pedir emprestadas estas espingardas para caçar com ele.



o seu nome.

O primeiro quarto de hóspedes é o chamado Quarto Napoleão. No entanto, Napoleão nunca ficou aqui, apenas o seu general François-Joseph Lefebvre. Em tempos, os soldados franceses percorreram a estrada que passa por baixo do castelo para chegar à Áustria. Como os desfiladeiros no topo do vale se tornavam intransitáveis no inverno, o exército francês e Lefebvre passaram o inverno aqui, no Castelo de Taufers. No entanto, Napoleão era o mais conhecido dos dois, razão pela qual a sala foi baptizada com

O mapa que se encontra nesta sala data de 1842, altura em que não existiam aviões nem satélites, pelo que as possibilidades tecnológicas eram muito limitadas. No entanto, o mapa está muito bem feito: o sul é mais preciso do que o norte, mas, de um modo geral, continua a ser exato hoje em dia.

Ao lado da cama, vemos uma velha casa de banho, um lavatório. Havia espaço para cerca de dois litros de água neste recipiente, mas estes dois litros tinham de durar quinze dias. Nessa altura, só se lavavam as mãos, os pés e a zona à volta dos olhos. Nessa altura, as pessoas tomavam banho uma vez por mês e apenas no verão, pois no inverno fazia demasiado frio. De facto, nessa altura, as pessoas não se queriam lavar porque pensavam que estragariam a pele se a lavassem com demasiada frequência. Por isso, recorria-se com mais frequência a perfumes ou pós perfumados.

Nessa altura, era fácil a propagação de doenças, razão pela qual também se encontra aqui um armário de boticário do século XVII. As gavetas no interior podiam ser utilizadas para guardar várias ervas secas ou medicamentos, alguns dos quais podiam ser obtidos no próprio jardim do castelo.

A partir daqui, o corredor conduz ao último dos quartos de hóspedes.

### **Sala do Cardeal**

Este é o maior e mais moderno quarto do castelo, uma vez que os hóspedes ficavam aqui regularmente até à década de 1970. O último hóspede regular foi o Cardeal Eugénio Tisserant. Era um bom amigo



do Abade Gassner, o último proprietário privado do castelo, que visitava frequentemente nos meses de verão. Tisserant tinha muito bons contactos com o Vaticano e foi provavelmente o principal patrocinador do restauro e da manutenção do castelo durante este período. Na fotografia, ainda se pode ver a antiga torre de menagem desmoronada ao fundo, que foi reconstruída graças à sua ajuda.

A visita ao interior termina aqui. Pode agora visitar o exterior por sua conta, atravessando o antigo celeiro, onde encontrará exposições especiais sobre temas variáveis, da Páscoa ao Dia de Todos os Santos. Depois, continue até à Torre Alta, onde sobe à esquerda (**só é possível entre a Páscoa e o final de outubro!**) e desce ao pátio interior à direita. Passará por um pequeno labirinto para crianças, pela cisterna e pela antiga cave de gelo.

**Obrigado por visitar o Castelo de Taufers!**

